



# A ECONOMIA DA SUSTENTABILIDADE

# G

ANHAR DINHEIRO, TORNANDO-SE MAIS SUSTENTÁVEL, É POSSÍVEL? MARC WEISS, PRESIDENTE DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL GLOBAL URBAN DEVELOPMENT (GUD), NÃO SÓ ACREDITA NISTO COMO TEM UM LARGO CURRÍCULO PARA PROVÁ-LO, NO ESTADO DA CALIFÓRNIA E, DEPOIS, COM O GOVERNO CLINTON. AGORA, ELE TRABALHA NA CRIAÇÃO DE UMA ZONA DE INOVAÇÃO SUSTENTÁVEL EM PORTO ALEGRE E ALMEJA TORNAR O RIO GRANDE DO SUL UMA REFERÊNCIA EM CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL

A GLOBAL URBAN DEVELOPMENT TEM A AMBICIOSA META DE TORNAR O RIO GRANDE DO SUL O ESTADO MAIS INOVADOR E SUSTENTÁVEL DA AMÉRICA LATINA ATÉ 2030. COMO ISSO PODE SER FEITO? Parte do trabalho é mobilizar as pessoas sobre essa visão. Tivemos centenas de reuniões e visitamos 34 cidades no Estado para abordar desafios como produtividade, competitividade e investimentos em infraestrutura e educação, entre outros. Mostramos que o Rio Grande do Sul tem recursos fundamentais, sobretudo, pela população com alto grau de estudo e excelentes instituições de ensino superior. A demanda do mundo por comida vai crescer 50% até 2030. Isso é muito bom, pois a comida e a sua cadeia de valor, incluindo processamento e distribuição, representam cerca de um terço da economia do Estado. O Rio Grande do Sul não tem que mudar radicalmente a sua economia, é só pegar onde é mais forte e se modernizar, com sustentabili-

dade e inovação. O talento e a habilidade de desenvolver e aplicar novas tecnologias estão aqui, então, isso pode dar certo. Mas o sucesso depende, claro, do comprometimento das lideranças. O RS pode ser o primeiro Estado da América Latina em crescimento sustentável.

O SENHOR GANHOU DESTAQUE COMO ASSISTENTE ESPECIAL DO SECRETÁRIO DO DEPARTAMENTO DE HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO DOS EUA E PARTICIPOU DO CONSELHO PRESIDENCIAL SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO GOVERNO CLINTON. QUAL FOI A MARCA DO TRABALHO DESTE DEPARTAMENTO? Nos anos 1990, para o Governo Clinton, desenvolvi um projeto que comecei nos 1970, na Califórnia, que chamávamos de Estratégia Econômica Metropolitana. Basicamente, unimos quatro aspectos em uma iniciativa de âmbito nacional: desenvolvimento urbano e regional, inovação, sustentabilidade e inclusão. Aplicamo-los em



*“Não haveria o Vale do Silício se não tivéssemos nos preocupado com qualidade de vida.”*

Washington D.C. e tivemos muito sucesso. Nos anos 1990, provamos que focar em regiões urbanas era a melhor abordagem para o século 21 e que ligar inovação e sustentabilidade é também muito valioso. Somos um dos modelos mais efetivos em provar que você fica mais rico se for mais sustentável. Fizemos uma versão para os governos estaduais dos EUA e, depois, em Brasília, se interessaram bastante em aplicar no nível estadual. Assim fomos convidados, em 2011, para fazer isso no Brasil, pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. Era para testar em um Estado, e se desse certo, reproduzir em outros. Mas nós nos comprometemos em fazer dar certo aqui, por isso, seguimos no Rio Grande do Sul.

**COMO AS SUAS IDEIAS ERAM RECEBIDAS NOS ESTADOS UNIDOS, NAQUELA ÉPOCA, E COMO SÃO RECEBIDAS NO BRASIL, HOJE?** Naquela época, eram ideias radicais e incomuns. Quando eu cresci em Chicago, nos anos 1950, as pessoas achavam que ser mais sustentável seria ruim pra economia, custaria muito caro, mas nós provamos o oposto. Já o Brasil foi apontado como o país que mais se preocupa com mudanças climáticas em uma pesquisa do instituto Pew. A ideia de sustentabilidade é muito popular no Brasil, e o público gaúcho foi muito receptivo sobre melhorar a economia com esta preocupação.

**QUAIS FORAM OS RESULTADOS QUE VOCÊS OBTIVERAM NA CALIFÓRNIA?** No Vale do Silício, tinha a Universidade de Stanford e também muitos cientistas e pesquisadores que recebiam dinheiro do governo americano por conta da Guerra Fria. Mas havia outro fator importante: era um lugar muito le-

gal. Os cientistas queriam estar lá, no norte da Califórnia. Eu fui o responsável, no início dos anos 1980, pela primeira iniciativa de desenvolvimento econômico de alta tecnologia nos Estados Unidos, no cargo de vice-diretor da Comissão de Inovação Industrial da Califórnia, copresidida por David Packard, da Hewlett-Packard, e Steve Jobs, da Apple. Dizíamos que, se tivéssemos arruinado o ambiente, com congestionamentos e poluição, as pessoas teriam saído de lá. Não haveria o Vale do Silício se não tivéssemos nos preocupado com qualidade de vida. Isso é o que eu chamo de *Green Places* (lugares sustentáveis).

**OS GREEN PLACES FAZEM PARTE DA SUA TEORIA DOS FOUR GREENS. QUAIS SÃO OS OUTROS?** Se você conserva, renova ou reusa recursos naturais de forma mais eficiente, isso não custa mais dinheiro, pelo contrário, isso gera economia. É o *Green Savings* (economia sustentável). Na Califórnia, a partir dos anos 1970, adotamos padrões mais rigorosos sobre eficiência energética para os novos prédios, veículos automotores e aparelhos eletrônicos. Aliando isso a incentivos para energias renováveis, cortamos o consumo de energia *per capita* pela metade. Em 1970, a média de consumo de energia na Califórnia era um pouco abaixo da média do Estados Unidos por causa do clima mais agradável. Atualmente, é 40% abaixo do padrão do país. Isso quer dizer que, desde 1970, todos na Califórnia economizaram mais de US\$ 80 bilhões que teriam gasto em energia, sem mudar seu modo de vida, sem deixar de usar carros, celulares, computadores, geladeiras e ar-condicionado. Depois, vêm as *Green Opportunities* (oportunidades sustentáveis). Para conseguir ficar mais sustentável, você tem que fazer coisas novas em novos jeitos, o que gera novos produtos e serviços. Por fim, tem o *Green Talent* (talento sustentável), pois tudo isso só é possível ao investir na educação das pessoas, pois são elas que criam a inovação sustentável e também quem a compra.

**O QUE É UMA ZONA DE INOVAÇÃO SUSTENTÁVEL?** É um experimento concentrado. Vamos pegar alguns lugares em cidades perto de universidades principais, para ter pessoas altamente qualificadas e talentosas. São seis elementos combinados para fazer uma Zona de Inovação Sustentável. Tem que ser um ambiente favorável aos negócios, propício para inovação e tecnologia, para promover empreendedorismo e *startups* e ser líder em sustentabilidade e eficiência de recursos. É uma área que deve maximizar criatividade e colaboração, que engaje as pessoas em administração comunitária e participativa e faz os setores público e privado trabalharem juntos. Por isso, designamos uma área relativamente pequena em Porto Alegre, que engloba parte dos bairros Independência e Floresta, para torná-la um ímã de atividade e de pessoas talentosas que queiram participar. A ideia é que as Zonas de Inovação Sustentáveis, a começar pela de Porto Alegre, serão supersustentáveis, e muitos negócios vão surgir em busca deste objetivo e por causa da inovação. Vamos juntar tudo isso aqui. Somamos mais de cem pessoas ligadas ao projeto agora. E isto é só o início.

**VOCÊ JÁ AFIRMOU QUE A ZISPOA PODE SER UM NOVO NOMA, PROJETO QUE O SENHOR DESENVOLVEU EM WASHINGTON D.C. O QUE É O NOMA?** O NoMa faz parte da Estratégia Econômica Metropolitana do Governo Clinton. De 1997 a 1999, desenvolvemos uma estratégia econômica para Washington D.C. e também para a sua região metropolitana. O NoMa era uma área de armazéns e depósitos industriais, abandonada há décadas. O trem metropolitano passava por ali, e nós pensamos que, se fizéssemos uma parada de trem, poderia ser um lugar muito sustentável, uma âncora de desenvolvimento, orientada para ser acessível para pedestres e ciclistas, com prédios sustentáveis, e todo um polo que surgiria, atraindo pessoas. Foi um sucesso gigante, com bilhões de dólares investidos e milhares de empregos gerados. Contatamos setor privado, construtoras, governo municipal, governo federal, entidades de transporte, universidades e comunidade e, passo a passo, construímos apoio para esta visão. Levamos sete anos até conseguir a estação de trem.

**POR QUE O SENHOR AFIRMA QUE, PARA PENSAR NAS CIDADES, DEVE-SE PENSAR PRIMEIRO NAS REGIÕES METROPOLITANAS?** Antes, as cidades e as áreas urbanas eram as mesmas. Depois, a economia da área urbana se tornou muito maior. É um problema

de governança que surgiu. A unidade mais dinâmica, que é a região metropolitana, de um modo geral, não tem um governo. Não é necessário criar mais um nível de administração, mas é preciso fazer todos os atores colaborarem economicamente. A sua região metropolitana é como o seu time. Se não trabalham juntos, vocês perdem. As pessoas têm que colaborar para fazer investimentos estratégicos em conjunto. Por exemplo, uma área com 34 cidades não precisa ter 34 aeroportos. Precisa só de um. Se há colaboração, há muito mais sucesso econômico do que competindo entre si. Em 1980 e 1990, as pessoas achavam isso muito radical, mas agora a maioria concorda.

*“A sua região metropolitana é como o seu time. Se não trabalham juntos, vocês perdem. As pessoas têm que colaborar para fazer investimentos estratégicos em conjunto.”*

